Caderno de Leituras
n.157 | 2022

Um poema de nove entradas

Julio Trujillo

Tradução **Gabriel Bueno da Costa**

Nota da editora

O texto em espanhol – "Un poema de nueve entradas"– foi publicado no *Periódico de Poesía*, da Universidade Nacional Autónoma do México (Unam), em 1 de julho de 2019, e está disponível em:
https://periodicodepoesia.unam.mx/texto/un-poema-de-nueve-entradas/
Agradecemos ao autor a autorização para publicá-lo.

Imaginemos uma pradaria, em forma de diamante, na qual uns pastores cuidam de um pequeno, fugidio meteoro branco.[1] E fazem isso em um tempo fora do tempo, avesso ao relógio, que dura o que dura. Falamos de poesia ou de beisebol? De ambos. Poesia lírica, muito provavelmente, e mesmo bucólica: em beisebol não se diz estádio, mas campo, e os que patrulham obviamente são jardineiros. Ah, e parece que usam pijama, como se quisessem gritar: isto é poesia, estúpidos, poesia! Cada jogador, a partir de sua solidão intrínseca, sabe: isso que ele está desempenhando é mais que um esporte; uma engenhoca que se opõe à morte e à pressa, que borda jogadas como rimas; que é rico em correspondências e alusões, em sotaques, em imagens verossímeis; que não narra nada, mas conta tudo; que explode de repente em um clímax sonoro; que apenas acontece, sim, como um poema.

Intrínseca solidão: a do lançador sobre o montículo é absoluta, a do rebatedor é mais ainda, e a dos jardineiros foi imortalizada por uma tela perfeita de Abel Quezada, intitulada *El fílder del destino*, que Vicente Leñero descreveu deste modo: "... o *fílder* plantado na solidão imensa do jardim central ou direito ou esquerdo de um campo de beisebol, com o olhar fixo em um profundíssimo elevado, como quem espera que caia uma graça". Graça, destino, solidão: esses são termos irmãos do beisebol e que

1 O título deste ensaio faz referência às nove entradas ("innings") que duram uma partida de beisebol. Ao longo do texto, o autor faz várias outras menções ao universo desse esporte, como a duração variável da disputa, os uniformes usados, as posições dos jogadores (arremessador, jardineiros – que podem ser chamados também de campistas, em português –, apanhador etc.). Cita ainda algumas figuras históricas do beisebol, como Babe Ruth, mas sobretudo, como o título já sugere e o início do texto confirma, tece paralelos entre o beisebol e a literatura, ou, mais especificamente, a poesia. [N. T.]

o distanciam de outros esportes, do mesmo modo que termos mais ásperos como roubo, sacrifício, captura e uma inusitada "bola salivada"... Os poetas têm entendido bem essa combinação de solidão e *páthos*: em seu poema "Charlie Brown en la loma" [Charlie Brown na colina], Eduardo Lizalde fixa uma cena brutal:

Na noite assassina, e sozinho no montículo,
que solidão às vezes, Charlie, pavorosa!,
com casa cheia,
e já na parte baixa da oitava,
e arremessando *wild pitch* – um após o outro –
selvagem, eterna solidão, de fato.
Cósmica solidão do lançador no centro
do diamante.[2]

"Viúvo na colina", chama o poeta ao lançador. E aponta, sem mencioná-la, a melancolia inerente de um jogo que parece não terminar porque parece não ter começado, como se sempre tivesse estado aí. Charlie Brown, sabemos, é o mais solitário e melancólico dos meninos, um arremessador que quer seguir jogando (embora esteja perdendo de 17 x 0), mas um aguaceiro torrencial não lhe permite; não é bom sequer para perder.

É fácil entender por que os poetas se interessam pelo beisebol (e sobretudo, por razões óbvias, os gringos): é uma metáfora viva, um poema de nove entradas, uma composição calculadíssima embora serva do acaso e da contingência, uma concatenação de verbos rapidíssimos, uns, e lentíssimos, outros. Tantas vezes já foi dito: é a odisseia na qual o rebatedor-Ulisses tenta voltar para casa.

2 En la noche asesina, y solo en el montículo, / ¡qué soledad a veces, Charlie, pavorosa!, / con casa llena, / y ya en la parte baja de la octava, / y tirando *wild pitch* –uno tras otro–, / salvaje, eterna soledad, de veras. / Cósmica soledad del lanzador al centro del diamante. [N. T.]

Nesse sentido também é épico, a mais civil das batalhas. Embora tenha tido uma origem remota na Inglaterra, sua terra fértil tem sido os Estados Unidos, e Walt Whitman entoou as loas de sua energia. Também Mark Twain disse em um discurso que o beisebol era "o símbolo, a expressão visível do impulso, a luta do furioso e florescente século XIX". Está inscrito na cultura desse país, e uma maneira de identificar esse tópico literário tão nostálgico é o *ubi sunt*, é lembrando a famosa linha de Paul Simon em "Ms. Robinson": "Where have you gone, Joe DiMaggio?" Carl Sandburg, William Carlos Williams ("As pessoas no campo / se movem de acordo / ao ritmo de um deleitável / espírito de inutilidade" – a inutilidade irmana, novamente, o beisebol e a poesia), Robert Frost (que durante anos projetou um poema épico sobre uma bola golpeada tão forte por Babe Ruth que nunca retornou e ficou dando voltas ao mundo como um satélite) e muitos outros poetas estadunidenses têm enfrentado o tema do beisebol. Ninguém, contudo, como Marianne Moore: ela é o grande bardo de seu país em relação ao rei dos esportes. Costumava ir aos jogos com James Laughlin (o lendário editor de New Directions), e competiam aí em erudição no beisebol (ela sempre ganhava); sabe-se que teve uma bola, assinada por Mickey Mantle, em sua mesinha de cabeceira até o dia de sua morte, e foi honrada com o primeiro lançamento na abertura da temporada dos Yankees em 1968, quando tinha oitenta anos. Marianne Moore escreveu um poema intitulado "O beisebol e a escrita", no qual fala do peso da contingência nas duas práticas. Começa assim:

Fanatismo? Não. Escrever é emocionante
e o beisebol é como a escrita.
Com ambos nunca se sabe
O que vai acontecer ou o que você vai fazer
Gerando emoção –
Uma febre na vítima –
lançador, receptor, jardineiro, rebatedor.
Vítima em que categoria?[3]

No poema, o poeta joga em todas as posições e, no jogo, cada jogador escreve seu destino contra a gravitação do acaso. Esse individualismo deriva na solidão acima mencionada. "Dessa galáxia de nove, diga-me, / quem ganhou a flâmula?", questiona-se o poeta. A resposta é "Cada um. Ele".

Claro, não há poesia sobre beisebol apenas ao norte do Rio Bravo. No México, tivemos um poeta que não soube que foi um: Pedro Septién, mais conhecido como "El Mago". Lendário locutor e cronista esportivo, é provável que seu vasto conhecimento sobre o beisebol estivesse à altura do de Marianne Moore. Dizem que seu apelido se deve ao fato de que podia reconstruir, como locutor para a Rádio XEQ, lutas de boxe e jogos de beisebol completos a partir de notas de apenas vinte palavras de agências de notícias. Mas seu maior talento era para o lampejo verbal, o aforismo e a condensação poética. Lembremos algumas de suas pedradas de cem milhas: "O beisebol é um esporte exato que constrói monumentos e destrói catedrais", "Jogador sem audácia é um anzol sem isca", "As grandes tragédias se escrevem com dois *outs*", "Se soubéssemos tratar a derrota e a vitória como duas

3 "¿Fanatismo? No. Escribir es emocionante / y el beisbol es como la escritura. / Con ambos nunca sabes / qué va a pasar o qué vas a hacer, / generando emoción – / una fiebre en la víctima –/ lanzador, receptor, jardinero, bateador. / ¿Víctima en qué categoría?" [N. T.]

impostoras, seríamos todos campeões" (sem dúvida inspirado em Kipling), "Não existem os talvezes no beisebol", "Sem os números, o beisebol não teria passado nem futuro", "É o esporte exato. Cada erro se torna estatística", "As médias são profetas que olham para trás", "Matemática obscura, brilhante balé: isso é o beisebol". Salta aos olhos sua fixação pela estatística, e sim: milhões de números em mutação definem as estratégias do esporte, como uma álgebra secreta que ditasse, paradoxalmente, o devir humano. O poeta Alberto Blanco entendeu bem essa tensão:

10.000 possibilidades contra uma
de tirar um jogo sem *hit* nem corrida.
20.000 possibilidades contra uma
de lançar um jogo perfeito.
Quantas possibilidades contra uma
Para que o ser humano deixe de sofrer?[4]

Talvez a convergência mais feliz entre beisebol e poesia ocorra nos próprios jogadores, propensos – pelas características do jogo – a um pensamento diferente, poético. Como o *fielder* do destino, como Charlie Brown. Não faz muito tempo, Fernando Pérez, ex-jardineiro central do Tampa Bay Rays, escreveu isto: "Como a poesia, o beisebol é um tipo de contracultura. O isolamento do mundo exterior, a indolência sobre a qual – e desde a qual – se têm escrito e cantado tantos poemas: eu vejo esse estado mental como uma bênção". Ah, a indolência, o prazer de jogar de pijama, a borbulha temporal; essa épica que, embora dê as costas ao mundano mundo, sabe refleti-lo; e o magistério da

4 "10,000 posibilidades contra una / de tirar un juego sin hit ni carrera. / 20,000 posibilidades contra uma / de lanzar un juego perfecto. / ¿Cuántas posibilidades contra una / para que un ser humano deje de sufrir?" [N. T.]

derrota, pois cada jogador de beisebol sabe que, por melhor que seja, perderá um terço de seus jogos... O beisebol é um professor da vida. “O amor é o mais importante que existe no mundo”, sentenciou o grande Yogi Berra, “mas o beisebol também é bastante bom.”

Caderno de Leituras n.157 | 2022

Um poema de nove entradas
Un poema de nueve entradas
Julio Trujillo

Edição e preparação de texto
Maria Carolina Junqueira Fenati

Tradução
Gabriel Bueno da Costa

Revisão da tradução
Thiago Panini

Revisão
Andrea Stahel

Projeto gráfico
Felipe Carnevalli e Paula Lobato

Coordenação da coleção
Luísa Rabello e Maria Carolina Fenati

Composto em Ubuntu e Ubuntu Mono

ISSN 2764-3301

Edições Chão da Feira
Belo Horizonte, novembro de 2022
Esta e outras publicações da editora estão disponíveis em
www.chaodafeira.com

Este projeto foi realizado com recursos da Lei
Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

Realização:

PROJETO REALIZADO PELA SOCIEDADE CIVIL COM RECURSOS ORIUNDOS DA POLÍTICA DE FOMENTO À CULTURA MUNICIPAL

Incentivo:

LMIC
LEI MUNICIPAL DE INCENTIVO À CULTURA

CULTURA

PREFEITURA BELO HORIZONTE
GOVERNANDO PARA QUEM PRECISA

Projeto 0182/2021